

Kamairahó: um líder Tapirapé

Em 1939, Kamairahó era o homem de maior prestígio em Tampiitawa. Tinha ouvido falar dele em São Paulo, quando do meu contato com Herbert Baldus, o antropólogo que antes de mim visitara os Tapirapé. Também ouvi pronunciar seu nome por sertanejos do Araguaia, que o tinham na conta de “capitão” dos Tapirapé. Em fins de abril, ao ingressar pela primeira vez na aldeia, os homens, mulheres e crianças que me cercaram apontaram para uma das maiores malocas dizendo: “Kamairahó! Kamairahó!” Entendi que esperavam que eu fosse visitar o “chefe”.

Quando me aproximei de sua casa, vários cachorros esqueléticos avançaram sobre mim, sendo rechaçados pelos índios. Então, apareceu na porta um homem de mais ou menos 45 anos, baixo, como a maioria dos Tapirapé, mas de constituição forte. Veio apertar minha mão e abraçar-me ao estilo brasileiro (aprendido isto com padres dominicanos) e conduziu-me para dentro de casa. Eu estava exausto depois de 50 km de caminhada através da savana e floresta e, a princípio, as coisas me pareceram confusas. Mas, sentei na rede, tomei água em meia cabaça e provei pedaços de queixada e bocados de farinha de mandioca rancosa oferecidos por uma mulher que soube ser Kantuowa, esposa de Kamairahó. Kamairahó permaneceu por perto silenciosamente. Ele conseguia falar apenas poucas palavras em português, mas senti que me dera as boas-vindas. Convidou-me para ir à praça ver os dançarinos,

uma vez que se celebrava o *kawio*, a mais importante cerimônia Tapirapé, marcando o fim das chuvas e o começo da estação seca. Kamairahó e eu ficamos afastados dos dançarinos na sombra da *takana*, quase como convidados de honra.

À tarde, perambulei pela aldeia. Em todas as casas as pessoas convidavam-me a entrar e em cada uma encontrei um homem maduro — Wantanamu, Urukumu, Kamanaré, Maeuma e Kanchiwanio — que obviamente eram chefes de grande prestígio. Os índios insistiam para que aceitasse bananas, amendoins, inhames e outras comidas, mas voltei logo à casa de Kamairahó onde havia deixado meus pertences. Convenci-me de que Kamairahó era o chefe da aldeia e cabia-me respeitar a hierarquia de poder.

Minha impressão de que Kamairahó era o único chefe, ou o de maior poder persistiu por vários meses. A ele ofertei em primeiro lugar, os presentes que havia trazido. Kamairahó fez com que os homens retornassem ao porto para trazer o restante da minha bagagem. Escolhi um local para construir minha casa (de início não mais do que um abrigo) justamente atrás da sua e ele parece ter mandado os jovens cortar largas folhas de bananeira silvestre para cobri-la. Toda noite, quando o sol se punha, ia visitar Kamairahó, sentando num banquinho em frente de sua casa. Conversávamos pouco, mas pelo menos, os índios me viam na companhia de seu líder. Os jovens que falavam português, disseram-me que Kamairahó tinha decidido chamar-me *cheriwura* (“meu irmão mais novo”) e, como ansioso antropólogo de campo, fiquei sabendo que ele era meu *cherikeura* (“irmão mais velho”). Aos poucos, fui percebendo as dificuldades que isso me traria.

À medida que dominava o funcionamento da cultura Tapirapé e algo da língua, obtinha maiores informações a respeito de Kamairahó e sua posição na sociedade Tapirapé, tanto através dele como de outros. A menina de cerca de oito anos chamada Ampitanya, que acreditava ser sua filha, era filha da sua esposa com o marido anterior. O adolescente chamado Kamchinapió, que acreditava ser seu filho, era filho de sua falecida irmã. Kamairahó não teve filhos, ou nos termos dos Tapirapé, nenhuma de suas esposas tinha concebido dele. Não obstante, Kamairahó era tido publicamente como “pai” de três rapazes na aldeia, uma vez que manteve intercurso sexual com suas mães durante a gravidez delas.

A esposa de Kamairahó, Kantuowa, era pelo menos 10 anos mais jovem. Apesar dos rumores de ter sido uma ardorosa amante no passado, era tida na aldeia como uma das poucas mulheres que concedia favores somente ao marido. Kantuowa exibia certo ar de rainha. Caminhava ereta e orgulhosamente, como a esposa de um homem importante. Tratava Kamairahó com respeito, cobrindo seu corpo com óleo de coco

misturado com tinta de urucu e catava-lhe os piolhos do cabelo. Kamairahó há muito não usava ornamentos nos braços, nem pintava seu corpo com desenhos elaborados. Kantuowa abraçava o marido publicamente, pois os casais Tapirapé demonstravam afeição sem constrangimento. Sua filha, a enteada de Kamairahó, era tratada com carinho, na qualidade de “criança bonita” — alguém que recebia atenção especial e que seria um “capitão” mais tarde.

Kamairahó raramente deixava a aldeia para caçar ou cuidar da roça, mas falava de suas roças e sugeria que as visitasse. Em sua maloca multifamiliar, ele, a esposa e a filha penduravam suas redes em frente da única porta — o lugar favorito — onde ficavam mais protegidos da fumaça dos muitos fogos. No jirau acima de suas redes guardavam seus pertences: muitos cordões de miçangas, presente dos missionários e de expedições; vários facões e colmos de bambu cheios de penas caudais de arara vermelha, usadas na fabricação dos diademas cerimoniais. Seus bens multiplicaram-se quando nosso parentesco foi solidificado. Dei-lhe uma enxada, tesouras, outros facões, um cobertor, um vestido para a mulher, calças, vários espelhos, sal e muito mais cordões de miçangas. Não resta dúvida de que Kamairahó era um homem importante: aparentava-o e exercia este papel. Era calmo, sereno e honrado e verifiquei que conhecia a fundo seu povo.

Com o tempo, sem embargo, compreendi que Kamairahó não era o líder principal, porque cada maloca possuía seu próprio chefe. Embora esses homens pudessem ser considerados integrantes de um vago tipo de conselho da aldeia, realmente nunca se reuniam como um corpo formal. E nem todos mantinham entre si um convívio ameno. Entre Kamairahó e Wantanamu, cujo grupo doméstico era quase tão grande quanto o de Kamairahó, persistia uma antiga e renitente rivalidade. Os dois líderes pareciam diferir na “linha política” em relação aos *tori*. Wantanamu era reservado, quase mal-humorado ou esquivo com Valentim e comigo; tudo faz crer que o tenha sido também para com Herbert Baldus e os missionários protestantes que viveram durante algum tempo na aldeia. Veio ver-nos quando estávamos instalados na nossa casa e aceitou nossos presentes. Mas evitava encontrar-se com Kamairahó e era sensível a qualquer reprimenda. Por exemplo, sentiu-se insultado quando pedi que não sentasse sobre um saco que continha equipamento fotográfico. Por outro lado, Kamairahó era conhecido por gostar dos *tori* e por isso nos procurava. Sabendo disso, os índios nos levaram imediatamente à sua casa quando da nossa chegada. Desta forma, inconscientemente, liguei-me ao seu grupo doméstico de parentesco e, em certo sentido, à sua facção dentro da comunidade.

Kamairahó estava igualmente em desacordo com Kamairá, um quieto e impassível líder de outra grande maloca. O antagonismo devia-se ao fato de que, em sua juventude, Kamairá matara o pai de Kantuowa, um renomado pajé acusado de feitiçaria. Kantuowa alimentava a rivalidade e o antagonismo entre os dois homens. Espalhava rumores sobre Kuchinantu, a esposa de Kamairá, e nos dias em que ele e seus parentes do sexo masculino iam caçar, ou capinar as roças, Kantuowa mandava suas jovens parentas hostilizar Kuchinantu. Um dia, ela irritou-se e puxou os cabelos de uma dessas mulheres, que caiu em pranto. A despeito dessas dificuldades, a relação entre os dois homens permaneceu sob controle e, diria, cerimoniosa. Quando se encontravam, conversavam polidamente, mas evitavam os encontros. Ao mostrar um cesto a Kamairahó feito por Kamairá, olhou-o com desdém, dizendo: “eu farei um cesto mais bonito para você”. A reputação de Kamairá como homem de ação e chefe de maloca contando inúmeros parentes jovens contribuiu para colocar essa rivalidade sob certo controle.

A ausência de uma liderança centralizada e a prevalência de antagonismos e rivalidades entre os líderes dos grupos domésticos tornavam qualquer ação coesa dentro da comunidade muito difícil. Por exemplo, Kamairahó deu ordens aos jovens da aldeia para carregar minha bagagem até o porto do rio, quando saí em setembro para Furo de Pedra; mas os membros de outros grupos domésticos só concordaram em ajudar após consulta a seus próprios líderes. Novamente, em novembro, no fim da estação seca, quando o teto da casa-dos-homens teve de ser renovado, nenhum líder pareceu disposto a dar ordens para um *apachiru*. Kamairahó ordenou os jovens do seu próprio grupo doméstico a reconstruir a *takana*. Os do grupo doméstico de Kamairá juntaram-se a eles e, a seguir, os outros grupos. Finalmente, num esforço conjunto ocorreu o mutirão. Isso veio a comprovar a liderança de Kamairahó em relação aos demais.

Embora Kamairahó não fosse, como eu supunha, o chefe supremo da aldeia, era provavelmente considerado por todos os Tapirapé como o homem de maior prestígio. Percebi que sua liderança provinha dos vários papéis importantes que desempenhava em sua sociedade: — o de patriarca de um grande grupo doméstico, líder de uma Associação Pássaros, membro de uma ilustre família e, finalmente, *panché* ou xamã. Devido aos efeitos acumulativos de todos esses papéis, sua posição social era das mais destacadas.

Entretanto, o papel que conferia maior poder a Kamairahó era o de líder de uma maloca composta por um grupo de mulheres aparentadas, seus esposos e filhos. Ele não teve filhas, mas seu falecido irmão teve duas. Como um homem pode chamar os filhos de qualquer ir-

mão ou primo de “minha filha” ou “meu filho”, Kamairahó colocou várias mulheres sob seus cuidados, filhas de irmãos falecidos, as quais chamava de “filhas”. Assim, na maloca de Kamairahó viviam sua esposa, a filha dela, o filho de sua irmã e cinco outras mulheres, com seus maridos e filhos. Os homens eram “genros” de Kamairahó. Eram eles que derrubavam a mata para a abertura de roças; Kamairahó ia somente plantar o pedaço de terra que lhe designavam. Mostrou-nos “suas roças” e ofereceu-nos mandioca e inhame das roças de todo seu grupo. Eu o vi arrancar raízes de mandioca e colher inhame e feijão, mas nunca o vi fazer qualquer trabalho pesado, tal como abater mata virgem. Kamairahó contou-me que seu pai e o pai de seu pai chamavam-se Kamairahó. Como todo Tapirapé, teve vários nomes ao longo da vida: o da infância, adolescência, um nome quando rapaz e finalmente Kamairahó. Não tendo tido filho, seu famoso nome passaria para o filho de sua irmã quando fosse mais velho. Todos esses nomes foram herdados de seu pai, mas deve tê-los recebido do tio materno. Esses nomes conferiam prestígio e, quando criança, ocorrera o mesmo, uma vez que, segundo ele, havia sido *anchirikantu*. Como mencionei anteriormente, crianças assim chamadas não deviam brincar com outras. Eram excepcionalmente cuidadas e tinham seus corpos decorados com elaboradas pinturas, para embelezá-los. Contavam-lhes histórias e, a se crer em Kamairahó, a água do banho lhes era trazida evitando que caminhassem até o córrego. Ao fim e ao cabo, eram treinadas para o alto *status* que atingiriam quando adultas. A postura de Kamairahó como homem de dignidade e importância incontestáveis, foi de alguma forma adquirida mediante esse treino. Sua enteada estava sendo tratada como “criança bonita”, pois tanto os homens quanto as mulheres podiam assumir esses papéis. Treinado como foi para um alto *status*, Kamairahó deve ter tido uma primorosa cerimônia de ascensão à maioridade.

Kamairahó pertencia à Associação Pássaro Tanawe. Champukwi explicara-me o que significava. Assim, quando Kamairahó mencionou o fato, não fiquei surpreso. Como ele era membro da Tanawe e eu seu “irmão mais jovem”, tornei-me um Ananchá (associação dos homens maduros da metade Papagaio), o grupo com o qual dançava durante os festivais e ia às caçadas comunitárias. Quando mais jovem, Kamairahó tinha sido o líder do Ananchá, pois cantava bem e era um bom caçador.

A par disso, Kamairahó pertenceu ao Chankanepera (“o lugar do jacaré”), um dos oito grupos de festa que ainda funcionavam durante minha permanência em Tampiitawa. Novamente, fui designado para o Tantanopao, ou grupo de festa de Kamairahó, uma vez que o chamava de meu irmão mais velho. Menos de três semanas após minha chegada a Tampiitawa, realizou-se uma festa para todos os grupos. Levei rapa-

dura, como contribuição à refeição Chankanepera. Foi muito apreciada, pois o único adoçante era o mel silvestre, um tanto ácido. Outros levaram um pedaço de queixada assada, bem como farinha de mandioca, inhame cozido e feijão-lima, recentemente colhido de suas roças. Para agradar, enviei uma rapadura para cada grupo de festa. Então, meu próprio grupo exigiu mais, o que Valentim relutantemente tirou de nossa despensa. Foi consumido um total de 15 a 16 rapaduras grandes, cada uma pesando cerca de meio quilo. Chankanepera era um forte grupo de festa com muitos membros e as generosas contribuições de Kamairahó para seu encontro granjearam-lhe prestígio.

Finalmente, Kamairahó devia seu alto prestígio, em parte, ao fato de ser um *panché*. Não era o mais poderoso xamã na aldeia, pois Urukumu, Wantanamu e Panteri eram mais famosos por suas curas e relações com o sobrenatural. Todavia, Kamairahó tinha executado muitas curas e também podia entrar em contato com o sobrenatural. Havia aprendido a ser um *panché* com o pai de sua atual esposa, que tinha sido assassinado por Kamairá. Explicou-me que seu período de aprendizagem havia durado apenas “uma lua”, enquanto que outros rapazes podiam passar várias luas aprendendo. Durante este tempo, na qualidade de aspirante a xamã, Kamairahó aprendeu a “engolir fumaça”. Explicou que como aprendiz tinha ficado doente e vomitado violentamente. Finalmente, disse que foi colocado na rede e enquanto dormia sonhou. Em seus sonhos encontrou seres sobrenaturais — demônios da floresta e almas dos mortos que se tornaram seus auxiliares familiares nas curas. Alguns homens e, no passado, algumas mulheres, mostraram, quando crianças, talento natural para sonhar como *panchés*. Mas, Kamairahó teve de ser treinado para isso e durante o período de aprendizagem observou os tabus relativos ao banho, relações sexuais (ele já era casado), comer animais que “andam à noite”, tais como a tartaruga e o macaco. Conseguiu ver em sonho o *anchunga* e vários sobrenaturais da floresta.

Mas esclareceu: “aprendi a sonhar somente ao nível da terra”. Com isso queria dizer que não era um xamã poderoso como Panteri, que em seus sonhos tinha visitado as plêiades e a onça celeste, lugares onde habitam os mais poderosos seres sobrenaturais. Ainda assim, alguns dos sonhos de Kamairahó, relatados mais tarde, foram bastante dramáticos. Após tratar um rapaz de nome Aneí, que estava com febre, repousou na rede. E em sonho viajou para longe, para o local de uma antiga aldeia. Lá, viu as velhas casas (que há muito tinham desaparecido), e as almas de antigos Tapirapé. Viu e reconheceu a alma de um homem que tinha morrido seis ou sete anos antes. Carregava nos ombros um animal que acabara de matar; era todo branco e espalhava poeira

branca quando andava. E, em seu sonho, Kamairahó viu Aneí. Soube quando “retornou” da viagem em sonho que Aneí estava doente devido ao encontro com uma alma. Assisti Kamairahó tratar o jovem na noite seguinte. Ajoelhou-se perto da rede de Aneí e soprou fumaça sobre o paciente, massageando seu corpo em direção às extremidades como se estivesse desembaraçando-o de uma substância que o tivesse revestido. Os que presenciaram a cura disseram-me tratar-se da “poeira branca” (invisível para nós) que a alma tinha lançado sobre o rapaz. Depois disso, Kamairahó partiu cambaleando, recolhendo-se à rede para sonhar de novo. Então previu a recuperação de Aneí, o que realmente ocorreu passado algum tempo.

Kamairahó foi um dos xamãs que tentou curar-me quando contraí malária. De acordo com o seu diagnóstico, minha doença foi causada não pela alma de um morto, mas por outro xamã (ele insinuou que talvez fosse Wantanamu), que enviara uma espinha de peixe para dentro do meu corpo. Embora não tenha visto, ele massageou meu corpo, trabalhando em direção à testa; sugando, retirou a espinha de peixe, cuspidando-a num dos acessos de vômito induzidos pelo tabaco.

Outro desempenho bem sucedido de Kamairahó como xamã foi “chamar uma criança” para a esposa de Maeuma. Em retribuição, ela lhe trouxe mel silvestre que o induziria a sonhar. Algum tempo depois, a mulher engravidou e teve uma filha.

Mas Kamairahó dava pouca importância às suas habilidades xamanísticas evitando ostentá-las. Estava consciente dos perigos a que ficava sujeito um poderoso xamã, tendo conhecido vários pajés assassinados por vingança. Durante as cerimônias do trovão, Kamairahó foi derrubado mais rapidamente do que outros pelas “flechas” do *topu*, um pequeno ser que o trovão envia contra os xamãs. Em função disso, ficou rígido e em transe, até que, com ajuda de um pajé mais poderoso, recobrou a consciência. O pajé soprou fumaça e massageou seu corpo. E, quando o filho de sua irmã, Kanchinapio, adoeceu, Kamairahó mandou que se tratasse com dois outros pajés. Alegou não contar com a ajuda de seus sobrenaturais suficientemente poderosos que lhe permitissem obter a cura. Quando ele próprio caiu doente, três xamãs revezaram-se tratando-o durante mais de uma noite. Kamairahó sabia perfeitamente como usar o xamanismo para granjear prestígio e poder e como obviar o poder xamanístico para isentar-se de suspeitas como as que recaíram sobre Urukumu.

Contudo, a estória de Kamairahó não era sem tropeços. Tinha muitos detratores, especialmente entre os parentes de seus rivais Wantanamu e Kamairá. Diziam, raramente em minha presença, que era mesquinho (*ankantaum*). Para comprovar essa essertiva, denunciavam seu comportamento durante os ritos anuais do *kawió*, quando os homens de pres-

tígio deviam presentear os de *status* mais baixo, que bebem o “*Kawi* ruim”. Salvo se o primeiro líder convidado a ingerir a bebida recusar o desafio (isto é, não tomar um bocado e um outro cuspi-lo), o pote é emborcado e não haverá mais desafio naquele ano. Em 1940, a bebida foi oferecida primeiro a Kamairahó, que tinha acumulado considerável quantidade de mercadoria presenteada sobretudo por mim, mas recusou-se a bebê-la, terminando assim o desafio e a doação de presentes àquele ano. Fiquei bastante satisfeito, pois como uma pessoa de algum prestígio, ficaria altamente vulnerável e minha reserva de presentes já era, àquela altura, bastante escassa. Contudo, Kamairahó perdeu prestígio aos olhos do seu povo por seu comportamento “mesquinho”.

De um modo geral, com o passar dos meses, vim a concordar com algumas das críticas que o apontavam como *ankantaum*. De certo modo, Valentim e eu sentimo-nos explorados por Kamairahó e especialmente por sua mulher, Kantuowa. Passamos a considerá-la uma verdadeira megera. Vinha à nossa casa com Kamairahó e sorratamente espiava nossos haveres. Em seguida, mandava moças e rapazes pedir coisas. Inteirava-se de tudo que dávamos a cada Tapirapé e também quem nos fornecia milho ou mandioca e em que quantidade. Algumas vezes, parecia estimulada por Kamairahó, que arquitetava apossar-se das miçangas e os objetos que trouxemos passando-os aos seus parentes mais chegados. Com o transcorrer do tempo, eu e Valentim ficamos ressentidos com Kamairahó e o controle que parecia querer exercer sobre nós. Tornamo-nos mais amigos de Kamairá, um dos seus rivais. Até Champukwi o criticava abertamente e é possível que exercesse influência sobre nós, porque, afinal de contas, fora criado por Kamairá. É provável, também, que nossa irritação fosse o resultado do mal de *forêt*: estar longe das pessoas de nossa cultura por tanto tempo.

Como se aproximava a data de nossa partida, Kamairahó planejou as cerimônias de iniciação de Kanchinapio, filho de sua irmã. Para ele, essa era uma grande ocasião. Reenfiou seus numerosos colares de miçangas, confeccionou o enorme diadema de penas de arara vermelha, exibiu o longo adorno labial de quartzo, e sua esposa e filhas fiaram algodão para os ornamentos dos pulsos e braços. Por vários dias, seu grupo doméstico trabalhou febrilmente, preparando comida para o evento. Então, no dia em que Kanchinapio dançou com todos os seus adornos, permaneci ao lado de Kamairahó, orgulhoso de seu logro. Minha irritação com ele e mesmo com sua esposa, Kantuowa, desapareceu. Compreendi que ele é que entendia e apreciava sua própria sociedade e cultura. E que me explorou unicamente para prestigiar o filho da sua irmã. Era como se um membro ingênuo do corpo de diretores da Fundação Rockefeller, rico em subvenções e outros fundos, subitamente apa-

recesse numa assembléia de reitores de universidades. Kamairahó prote- gera meus interesses; porém, ao mesmo tempo, e com grande digni- dade, manipulara o inexperiente *tori* para atingir seus próprios objetivos.

Kamairahó muito me ensinou sobre a vida Tapirapé, e apesar de não ter sido tão paciente quanto Champukwi ou tão experiente sobre xamanismo quanto Urukumu, fazia um grande esforço para instruir seu “irmão mais jovem”. O mais importante foi ter-me assegurado um lugar na estrutura social Tapirapé. Como irmão mais jovem de Kamairahó, passei a ter parentes, ser membro das associações e, em conseqüência, participar de um grupo doméstico. Nessa qualidade, obsequiei Kanchinapio que, ao fim e ao cabo, era também o “filho da minha irmã” e sempre havia me tratado com grande respeito e deferência. Como dizem os Tapirapé, “um rapaz nunca solta vento que o irmão da sua mãe não possa cheirar”. Terminado o ritual, ao partir para Nova Iorque, Kamai- rahó acompanhou-me até o porto do rio e Kanchinapio carregou meus pertences.

Em 1953, quando retornei para uma rápida visita aos Tapirapé, encontrei somente Ampitanya e Kanchinapio — “a filha do meu irmão mais velho” e “o filho da minha irmã”. Kamairahó havia morrido vá- rios anos antes.¹¹⁹ Sua esposa ainda vivia, mas após os ataques Kayapó e a transferência dos Tapirapé para o posto indígena, ela faleceu. Ampi- tanya, Kanchinapio e seus esposos moravam numa casa grande com os poucos parentes que tinham sobrevivido. Mantinham a tradição de afabi- lidade para com os estrangeiros, reforçada pela presença das Irmãzinhas de Jesus, que passaram a viver entre os Tapirapé.